



Sinais vitais e riquezas de uma língua



André Sampaio
Revisor no
Sistema Ari de Sá

Salve! Quomodo te vocas? Unde es? Olá! Como você se chama? De onde você é?

Um diálogo iniciado mais ou menos dessa forma, em língua latina, pode parecer algo impossível. Entretanto, é uma possibilidade que não se deve, de todo, descartar. Um jesuíta brasileiro, por exemplo, relatou que, tempo atrás, havia encontrado um asiático em um evento internacional. Eles não tinham em comum nenhum idioma senão o latim. Então, foi assim que se conheceram e conversaram naquele dia: na língua flor-mãe do Lácio.

O latim compreende já quase três milênios, tendo sido falado no extinto Império Romano. Considerado por muitos como idioma morto, ele, na verdade, se revela bem vivo. Usos científicos e no dia a dia, legislações, ambientes acadêmicos, noticiário radiofônico, literatura, cinema e cerimoniais religiosos, além de registros relativos a culturas, artes, tradições, músicas e documentos históricos: são várias as formas de o latim marcar presença no mundo hoje. Língua oficial do menor país do globo, o Vaticano, e mãe das línguas chamadas neolatinas, o latim é estudado em várias partes do mundo, particularmente em áreas como letras, literatura clássica, direito, taxonomia, botânica, medicina, química, filosofia e teologia.

Remontando a quase 3 mil anos de história – e de vasto patrimônio –, o latim, língua-mãe de vários idiomas modernos (dentre os quais o português), dá vários sinais que fazem ser questionada a classificação que muitos lhe atribuem

À classificação dos seres vivos e aos elementos químicos, por exemplo, aplicam-se nomes latinos. O idioma, por já apresentar formas cristalizadas e não estar sujeito a contínuas mudanças, confere precisão e clareza aos textos, conservando um caráter de universalidade e de preservação de sentidos.

Quem nunca precisou preparar o seu *curriculum vitae*? Quem não editou seu *status* no Facebook? Quem, alguma vez, recebeu orientações de combate ao *Aedes aegypti*? Quem nunca escreveu um P.S., isto é, um *post scriptum* (após o escrito), ou fez alguma consideração *a priori* ou *a posteriori*? Ou quem não ouviu, alguma vez, ser noticiado que um réu obteve *habeas corpus*? Quem não pede *bis* ao ouvir cantar o seu ídolo? E o *et coetera* (etc.), tão empregado em nossa fala e em nossa escrita?

O latim está bastante presente no nosso cotidiano. E mais: por incrível que possa parecer, o idioma é bastante estudado em várias instituições de países como China e Estados Unidos, de acordo com dados do Pontifício Instituto Altioris Latinitatis, instituição com sede na Itália. A China, por exemplo, debruça-se sobre riquezas culturais do latim desde pouco mais de quatro séculos, a partir dos primeiros contatos com os jesuítas e, particularmente, com Matteo Ricci. Já o universo de língua inglesa tem muitíssimas etimologias de influência latina. Outra



curiosidade: há uma rádio na Finlândia que transmite, diariamente, um noticiário em latim, o *Nuntii Latini*. No cinema e na literatura, a série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, é um exemplo de resgate (e de certa recriação) da língua latina: vários feitiços e poções da ficção recebem nomes que derivam (alguns mais fielmente que outros) de formas latinas.

Na tradição da Instituição Católica, a língua dos antigos romanos é amplamente empregada em documentos, cartas, músicas sacras e legislações canônicas, além do uso em cerimônias litúrgicas, particularmente em ocasiões internacionais, como língua de uso comum para as orações dos sacerdotes e dos fiéis das várias proveniências. Bento XVI, por exemplo, ao declarar ao mundo, em fevereiro de 2013, que abdicaria da função de liderança da instituição, fez seu pronunciamento em latim. Uma repórter italiana que estava presente na audiência noticiou em primeira mão a renúncia do pontífice: ela era a única dos jornalistas que sabia latim. Já a conta do papa Francisco em latim no Twitter (há contas do pontífice em diversas línguas) tem milhares de seguidores.

Um equívoco um tanto comum é que há quem pense que a língua latina não se atualiza. Como tem o idioma como oficial, o Estado do Vaticano, com suas equipes de estudiosos do idioma, procede a atualizações léxicas. Na década de 1970, foi instituída uma fundação exclusivamente responsável por essa tarefa. Há um dicionário, o *Lexicon recentis latinitatis*, com termos contemporâneos. Alguns exemplos: se você quisesse contatar uma *itinerum procuratrix* – agência de viagem –, bastaria fazer um breve *telephonicum colloquium*, isto é, um telefonema, ou, simplesmente, você ligaria seu *computatorium instrumentum* (computador) e encontraria o serviço na internet; caso desejasse contratar uma *babysitter*, iria localizar uma *infantaria*; em um barzinho, poderia chamar pelo *tabernae potoriae minister* ou *barman*. Já pensou em jogar uma partida de *follis canistrigue ludus*? É o basquete. E que tal comprar o mais novo *liber maxime divenditus* (*best seller*)?

É, a língua de Cícero parece bastante viva para ser acatada, apressadamente, como língua morta. Claro que, *in stricto sensu*, se queremos dizer que se trata de um idioma sem um povo específico que lhe seja nativo e que o fala em todas as situações cotidianas, tudo bem: nesse sentido, até podemos considerar a ideia de língua morta. Porém, sob uma visão holística, trata-se de uma língua que se mostra viva, estudada e empregada mundo afora. O latim guarda um valioso e vasto patrimônio em diversos campos do saber. Vale a pena redescobrir e perceber melhor no nosso dia a dia a riqueza que essa língua representa. ■

www.portalsas.com.br